

A RAZÃO

Director e Editor: Dr. David de Oliveira

SEMANARIO REPUBLICANO

N.º 46 DO 2.º ANO

Redacção e Administração: R. de FRANCISCO AGRA, 8

Guimarães, 7 de Março de 1925

Composição e impressão: RUA DE GIL VELENTE, 34
MINERVA RIBEIRO. — Guimarães

Uma entrevista A PROPOSITO

O sr. dr. Brito Camacho concedeu uma entrevista a um jornal da capital. O sr. dr. Brito Camacho pelo seu talento e pelas suas virtudes ocupa um lugar de destaque entre os homens da Republica e, por isso, ninguém como elle para se pronunciar sobre a situação do actual regimo no nosso país. Bateu a boa porta o diario lisboeta que, ao que lemos, foi amavel e prontamente atendido, como é da praxe.

Entre as varias afirmações feitas pelo illustre homem publico, uma há que me deu no gôto e por isso a trago para aqui, não a pretexto de dizer coisas, mas no intuito de a tornar bem patente aos republicanos que da entrevista não tiveram conhecimento.

Entre outras coisas disse o sr. dr. Brito Camacho que era necessario republicanizar a Republica; e, mais adiante, quando o reporter se refere á sua acção politica, sua excellencia dá a entender que se vai retirar da vida publica. Ora, se todos concordam com o illustre republicano, quando diz que é preciso republicanizar o regime, eu, pelo menos, não concordo com as suas ultimas palavras.

Todos nós sabemos que isto vai mal; todos clamamos que a Republica está longe de ser o que deve ser; todos bradamos contra os aventureiros e traficantes que se meteram a politicos, como se podiam meter a negreiros; todos nós apontamos a dedo os pedantes expoentes-máxi-

mos, charlatanes-cos feirantes de elixires sem rotulo e sem virtude; todos nós concordamos em que é preciso acabar com a ficção, com o carnaval, com a bambochata que tudo isto é. E se todos estamos de acôrdo nisto, qual o motivo porque não procuramos acabar com o mal?

Estou deslocado, fóra da época, diz sua excellencia.

Tem sua graça. Eu não sei se a algum republicano é dado retirar o seu apoio á Republica. Entendo que não. Na verdade, eu não compreendo que, quando o nosso ideal é abocanhado, nos fiquemos indiferentes, num encolher de ombros todo comodista ou resignadamente passivo. Não compreendo e menos ainda quando se trata de alguém como o sr. dr. Brito Camacho. Direitos conquistou sua excellencia, e bem os merece; mas contrafu também deveres. Não será fugir a elles, aos últimos, retirando-se. Por homem de honra o temos e é talvez por isso que nos magôa a sua resolução. Deste modo mais e mais avolumará o mal e dia virá em que a «republicanização» de que fala se tornará impossivel. Não. Homens do valor de sua excellencia não tem o direito de abandonar o seu credo. Se não por si, por aqueles que consigo arrastaram. E' quasi uma fuga, uma apostasia. E' uma fraqueza com quem ninguém lucrará, nem o sr. dr. Brito Camacho.

DÓRIO.

lhota com queixo de Harpagão, tocou-o e disse-lhe em tom escarninho: Quem te morreu, ó máscara?

—Ora vai lá bordam... Era o Carnaval de nossos avós. Duas «pessoas» distintas e a mesma procura de sempre.

Mariano Felgueiras
ADVOGADO

Rua da Republica, 115
Provisoriamente: Casa do Priorado

Eu sou des que crêem que ninguém medianamente esperto tinha duvidas sobre a orientação e sobre os fins do jornal «A Epoca». Monárquico até á medula, o seu director não sabia ou não podia esconder o rancôr que votava á Republica, e assim não perdia ensejo de a combater, manhosamente escondido por detraz do rotulo de defensor do catolicismo. Inventando «heresias», fantasiando «perseguições», o jornal do sr. conselheiro fazia abertamente a politica dos inimigos do Regime. Claro está que sua excellencia, quando disto o acusavam, negava a pés juntos, o que lhe valeu ser tratado como devia por Mayer Garção, que lhe pôs a calva á mostra em algumas columnas de prosa magistral, nas quais se punham em evidencia as subtilzas e os propósitos do illustre conselheiro.

O jornal «A Epoca» é um jornal monárquico, retintamente e profundamente monárquico, tão monárquico como o seu director. Mas se duvidas existiam até agora no espirito de alguns dos seus leitores, mas se alguém fingia não acreditar nestes propósitos até agora, o que acaba de dar-se limpará todas as teias de aranhas e a verdade descerá a todos os espiritos, mesmo aos dos ingânuos que teimavam em vêr em «Nemo» o intransigente defensor da Igreja e nada mais. E como a verdade deve ser coisa respeitavel e agradavel a esses cavalheiros, que só liam a «Epoca» por serem catolicos, é de esperar que d'oravante elles não permitam que o sr. conselheiro lhes volte a fazer o ninho atraz da orelha. E' de crêr que esses cavalheiros, catolicos e, por isso, amantes da verdade, obedeam sem hesitações ás «Decisões do Episcopado» há pouco publicadas e que reprovam formalmente a orientação do jornal «A Epoca». «que, de nenhum modo, se pode considerar como orientador da acção social e politica dos catolicos.» Chama-se a isto pôr os pontos nos ii, o que há-de causar engulhos não só ao «engenho e arte» do illustre conselheiro, mas a outros que de bom grado lhe seguiam na esteira.

Não está em cheiro de santidade «A Epoca». A sua acção caiu no desagrado dos prelados, que publicamente a reprovam. Ninguém dirá hoje sem mentir que «A Epoca» é um jornal catolico e que só por esse motivo a lê. Ninguém e muito menos —é de esperar—aqueles funcionarios da Republica que a serviam e acatavam com os argumentos que com prazer colhiam nas columnas do jornal do sr. conselheiro Fernando de Sousa. O contrario está—a meu vêr—em opposição ao juramento sob palavra de honra feito, quando ingressaram no número dos seus serventuários.

P. P.

Propagai «A Razão»,

Imitações POR Jorgo Ramos

No Patamar da Escada

(Paródia a Virginia Victorino)

*Não venhas tarde, amor! O teu chazinho
fica no bule. Em volta o cobertor,
não deixará que lhe passe o calor,
e assim quando vier's 'stará quentinho.*

*E olha, ó meu amor! junto, as bolachas,
tambem te esperam ansiosamente!
Dá-lhes dentadinhas, meigamente,
e dise-me depois que tal as achas!*

*Não venhas tarde, amor, o abandono
faz-me fugir de todo o belo sono
que de beijos d'amor sabes cobrir!*

*E ao voltares, amor, não sejas erá!
Vem de mansinho, e diz assim: «Cú-Cú!»
Para eu me derretar a rir a rir!*

Epistolas sem Destino

Marilia:

As suas cartas tem o sabor amargo do fel. Não sei o futuro que a espera: leviana, doida, sem um vislumbre de senso honesto e consentaneo com a sua dignidade de mulher inexperiente, Você—diz-me o presentimento que raro engana—há-de ser vitima da sua leviandade, da loucura desta—vitima que a sua história há-de por certo condenar um dia por sua própria culpa, por erro máximo das suas irreflexões que não deixam fazer de si uma mulher perfeita, que não-de acabar por a matar... sem que Você ao menos possa dizer: Morri, mas triunfei...

Tenho pena de si, mas chego a querer-lhe mal. E V. sabe porquê! Tenho dito a muitas mulheres que se a maioria destas se não deixasse seduzir pelo ouro, cegar pelas grandezas pôdres dos salões, o homem seria mais justo e mais consciencioso: o labeu que as acorrenta e esmaga, sem que possam libertar-se um dia—e só a morte o faz por misericordia, por compaixão!—não se lhes apegaria á roda dos seus vestidos... A prostituição é tam velha como o mundo: como o mundo é cancerosa e pestilenta! Bastava isto para as amedrontar, para lhes fazer tremer o corpo, para arrependimento das almas aos bocados pelas esquinas da Vida... mercadejada pela sede dos que a ajudaram a perder nas horas do chá dançante, entre as fumaradas cristalinas e estonteantes do champagne.

Marilia: Tenha pena de si, veja-se melhor, se não quer confirmar o conceito destes versos de Heitor d'Almeida:

«Rapariga, olha a saia
que tem palhas agarradas...
—Quem vê palhas, vê palheiros,
quando vós sois desgraçadas.»

Não me queira mal. Se assim lhe falo é porque vejo a sua ruina aproximar-se mais e mais... O homem que a persegue é rico, e a sua beleza trá-lo esquecido pela sua porta á espera de lhe comprar por todo o preço. Vejo-o a cada passo oferecer-lhe prendas caras, um casamento feliz, vestidos ricos... para melhor a enganar e seduzir... Que a vaidade da sua elegancia se não deixe iludir por promessas faceis, porque Você queimar-se-há no fogo ardente da paixão e do desejo... Depois... amanhã... será uma amante adorada, uma deusa abraçada por um homem que não pode estar junto de si, uma mulher que começa a desgostar-se de si, da Vida que leva, do próprio ser que já não ama, mas a quem espera todas as noites, febrilmente, raivosamente.

Creia, querida Amiga, que a dar azas ás ilusões do coração, o caminho que trilha, sem vêr primeiro a natureza do terreno, levá-la-há para o festim da Carne numa dança de delirio e de vertigem, em gargalhadas amargas de tédio — o tédio do Prazer, o ódio da Vida, com esperanças na Morte, dessa morte desconhecida das outras Mulheres que cantam o Amor puro do Espirito...

AFONSO FRANÇA.

O CARNAVAL

Ele aí vem! Ele aí vai!
Vi-o passar. Levava um can-taro furado ás costas e os dedos por fóra das botas.

A chuva fustigava-o, e ele, vagaroso, mole, não tinha um dito espirituoso, uma chalaça que lhe mascarasse o aborrecimento. O côco amolgado, o casaco do avêss, descia a rua de Santo Antonio sem uma palavra, como quem se sente em terra estranha. Era o nosso Carnaval.

Ao chegar ao Toural uma ve-

Não, não me matei...
 A minha alma eslava, nua de crenças e vasia de arrependimentos, não quiz que o meu coração deixasse de sofrer; tacteei bem o frenesi orgiaco da morte e tive medo. Nunca teria coragem para pôr um ponto final na tragédia da minha vida. Entrar no solar da Morte, sentinclidado pela desgraça de todos os martírios, pela infelicidade de todos os desgostos, passar a fronteira do Além, esfratringado de dôr, sarcastizado por um cortejo de desesperos, levando comigo a bagagem esfarapada de meia duzia de ilusões que aos desoito annos não sabemos ainda estrangular; saltar para o irremediavel, fugir assim covardemente para os nebulosos domínios dessa megêra, quando a vida começa a ser para a nossa mocidade a grandeza duma ironia, o banquete dos destinos, a cavalgada atlantica e sinistra das aspirações—morrer neste minuto, é uma afronta ao pé dos genes, á cinza do amor, ao nada da ventura.
 Foi V. a unica mulher que sem me conhecer teve para mim frases consoladoras, me incutiui resignação e fé,—foi V. a unica que soube pesar a minha Dôr. Foi por sua causa que eu não executei esse gesto tresloucado e inconsciente.
 Não, não me matei...
 Partu para muito longe, para uma recôndita aldeia, onde a saudade não vinha cantarolar em mim a elegia sonambula e doente da longura...
 Busquei enterrar a recordação dessa paixão louca lá em longes lugares onde o trôsto embriaga a tarde, espiritualizada em perfumes, ungiendo os campos e a luz morriça do monoculo do sol, entre o silencio profundo e o resar das coisas...
 Muitas vezes quando a tinta paludosa do crepusculo subia ao ceu numa ascese de luto, quando do campanario tombavam as Trindades numa préce de genuflexão, aos meus olhos atloravam trémulas lagrimas de lamento e de tristeza...
 Voltei. Trazia comigo outra saudade — a evocação dum novo amor fugaz. E ao chegar, — vi-A outra vez. A mulher que eu perdera num momento em que ambos já tinhamos perdido todos os sonhos estava perdida para mim... — e tinha-a ali na minha frente, no meio da rua, ela espantada da minha dôr, eu maguado no espanto de a ter reconhecido...
 E ela que lôra a vertigem louca e encandecida do meu espirito, a aspiração eloquente da minha ansia, o luar dos meus sonhos, o cofre-de-ouro dos meus segredos, a ideia do meu capricho e do meu desejo, o clarão da minha fantasia e o anoitecer da minha tristeza, ela... lá desaparecia para sempre entre a multidão que passava, evitando piedosamente os meus olhos que a queriam outra vez...
 Não, não me matei...
 Jorge RAMOS.
 Maio—1924.

Pelo Decreto n.º 10.532, de 11 do corrente, passou para as Camaras o pagamento das despesas que constituem o encargo obrigatorio dos Municipios, isto é, rendas de casas, reparações nos edificios proprios, expediente e limpeza das escolas, fornecimento de mobiliário, etc.
 Para as despesas referentes a rendas e reparações de edificios a medida tem toda a oportunidade e conveniência.
 Vários senhorios de casas escolares arrendadas, esquecendo por completo a função educativa da Escola e o quanto se empenharam, no tempo das vacas magras, para que lhes fosse arrendada a casa que nada lhes rendia então, tem requerido despejos judiciais por falta de pagamento de renda. Mas nem tudo é ganancia e ólio ao professor e á Escola. O sr. Guimarães, senhorio da casa onde funciona a antiga escola feminina de Serzedo, declara que não despede a escola, ainda que não lhe pague nada—o que se não dá, pois o Estado, embora com alrazo, paga sempre os seus débitos—, pois comprehende bem a utilidade da Escola—o templo da luz.

Eis uma nobilissima attitude bem digna de ser emulada.
 Já três despejos foram suspensos, porque os professores nobremente depositaram o quintuplo da renda em dívida.
 Na próxima reunião do professorado será tratado este assunto, segundo nos consta.
 Foi aposentada a professora da escola de S. Faustino de Vizela, D. Laurinda Marinho da Mota, actualmente residente em Vila Pouca de Aguiar, ficando, portanto, vaga aquella escola.
 Está nela collocada, em Comissão, a professora de Tagilde, D. Quitéria Martins, e por isso não pode ir a concurso.
 Foi transferida para a escola de Prazins—Santa Eufêmia, a professora do Pedraido, concelho de Fafe, D. Helena Ferreira.
 Consta-nos que é uma professora zelosa e competente, estando, portanto, aquella freguesia a parabens.
 No dia 9 de Março realizase a Festa de distribuição de prémios no salão nobre da benemérita Sociedade Martins Sarmiento. É uma Festa altamente educativa e cheia de encanto, a que nenhuma escola deve faltar. Oxalá o tempo não contrarie a boa-vontade e trabalho dos seus organizadores. Aquele dia é feriado para as escolas que concorrerem á Festa.

ab-tenh m da ação externa sobre formas de governo ou divergencias parti-larias, enquanto os interesses da religião a-sim o exigirem. Com isto o Centro Catolico não exclua a cooperação dos catolicos que, não querendo fazer pela igreja aquele sacrificio temporario da sua actividade politica, se recusam a entrar no mesmo Centro.
 Pelo que mais uma vez aprovamos e aplaudimos a orientação do diario catolico as «Novidades», que tão docil e tão fielmente tem proclamado e defendido esta doutrina, e reprovamos qualquer orientação contraria, declarando nomeadamente que é incompativel com as instruções das autoridades ecclesiasticas relativas á materia de que se trata, a do diario A Epoca, que, por consequente, de nenhum modo se pode considerar como orientador da ação social e politica dos catolicos.
 Paço Patriarcal de Lisboa, 14 de Fevereiro de 1925.—A., cardeal patriarca—Manuel, arcebispo Primaz—Manuel, arcebispo de Evora—João, arcebispo-bispo de Vila Real—Francisco José—bispo de Lamego—Antonio, bispo do Porto—Antonio, bispo de Vizeu—José, bispo da Guarda—Manuel, bispo de Coimbra—José, bispo de Bragança—José, bispo de Leiria—Mucelino, bispo de Algarve—Domingos, bispo de Portalegre—José do Patrocínio, bispo de Beja—Antonio, bispo coadjutor de Coimbra—Agostinho, bispo coadjutor de Lamego—João, bispo auxiliar da Guarda.

Decisões do Episcopado

«Embora a doutrina que se deve seguir sobre o Centro Catolico, tenha sido claramente e repetidas vezes exposta em varios documentos pontificios e episcopais, e recentemente no diario catolico as «Novidades», com a aprovação e incitamento do Episcopado portuguez e do proprio Sumo Pontifice, ainda há quem tenha ou pareça ter duvidas a tal respeito. Por isso, nós, os bispos portuguezes, para pôr definitivamente termo a todas as duvidas, julgamos dever declarar que os nossos ensinamentos sobre este assunto se resumem no seguinte: Os catolicos, para eficazmente reivindicarem os direitos e liberdades da igreja, devem unir-se num terreno sobranceiro ás paixões e lutas politicas, quer de formas de governo, quer de partidos. Para isto é que os bispos portuguezes fundaram o Centro Catolico, que, tendo como base esta irrecusavel doutrina, exige que os seus aderentes, podendo aliás conservar as opiniões politicas da sua preferencia, se

que os proprios impressos para a declaração são fornecidos gratuitamente pelos regedores; e não é demais insistir que este serviço, de sua natureza secreto, nenhum relação ou fim possui com o lançamento de qualquer contribuição. De resto, o cumprimento do Decreto referido isenta ainda os declarantes do vexame de autnações e das penalidades que o mesmo Decreto impõe aos seus transgressores, e que são, algumas delas, graves.
 Teatro Português
 «O Escuta-Lampanas»
 «A florista da Mouraria»
 «Arrota, pelintra!»
 «O Craveiro touro»
 «Guitarra e roxos...»
 «A queda facil»
 e outras peças e operetas de JORGE RAMOS, acabam de ser publicadas em grosso volume, numa luxuosa edição da «Gazeta dos Teatros».
 A todos os Novos que tenham originaes—dramas, comédias etc.—e que queiram fazê-los representar devem enviá-los á redacção do «Correio de Teatros»—Rua da Horta Seca, 3-4.—Lisboa, que publicará esses originaes num album especial que depois será distribuido por todos os elencos das companhias e por todos os empresarios do paiz.

«JORNAL DA MULHER»

Acaba de sair o n.º 2 deste interessante bi-semanario dirigido pela distinta escritora Maria Nasário.
 Este numero, cheio de gravuras, impresso em ottimo papel, e a cores, publica os seguintes artigos: «O culto de Camilo», por Maria Nasário; «O mais pagão de todos os livros...», por Joaquim Landro (Atila); «O Chido Intellectual» (interessantissima cronica onde se focam todos os literatos da Rua Garrett...), por Maria C. Ramos e Hermínia Ramos; «Sonetos de Bocage»—«Entrevistando dois escritores da geração nova: Jorge Ramos e Luiz d'Oliveira Guimarães»; «Festas Elegantes», cronicas por Vasconcelos e Sá—cronista de todos os diarios de Lisboa—Página Musical, Teatro, Arte, Sport, Charadas, Cinema e Circo, Variedades, Noticiário, Curiosidades, Critica, etc, etc.

MANIFESTO DE GADOS

Em virtude do decreto número 10.499 vai correr em todo o Continente da Republica, de 1 a 10 de Março, o manifesto das existencias de gados, referidas á meia noite do dia 28 de Fevereiro findo, conforme se acha largamente anunciado em editais dos Delegados do Governo.
 Trabalho indispensavel para o conhecimento dos recursos nacionais, e que no estrangeiro se faz a curtos periodos, devem nele interessar-se patrioticamente todos os seus colaboradores, que são, além das autoridades, todos os proprietarios de gado, desde o mais modesto ao maior granadeiro.
 Assim, todos os criadores ou possuidores de qualquer numero de cabeças de gado devem fazer a sua declaração, dentro do prazo acima indicado e perante o regedor da freguesia onde os animais se encontrarem no referido dia 28 de Fevereiro, do numero de cabeças de cada espécie que possuirem ou tiverem nesse dia á sua responsabilidade. Nenhuma despesa o Estado lhes exige com esse acto, pois

EULALIA COUTO
 PARTEIRA MUNICIPAL
 Rua 31 de Janeiro, 111
 Guimarães
 Prevenção
 Declaro que, desta data em diante, não me responsabilizo por dividas que sejam contraídas por quem quer que seja sem que eu ás mesmas assista.
 Guimarães, 7 de Fevereiro de 1925.
 José Luciano Guimarães.

Teatro Português

«O Escuta-Lampanas»
 «A florista da Mouraria»
 «Arrota, pelintra!»
 «O Craveiro touro»
 «Guitarra e roxos...»
 «A queda facil»
 e outras peças e operetas de JORGE RAMOS, acabam de ser publicadas em grosso volume, numa luxuosa edição da «Gazeta dos Teatros».
 A todos os Novos que tenham originaes—dramas, comédias etc.—e que queiram fazê-los representar devem enviá-los á redacção do «Correio de Teatros»—Rua da Horta Seca, 3-4.—Lisboa, que publicará esses originaes num album especial que depois será distribuido por todos os elencos das companhias e por todos os empresarios do paiz.

Banco de Portugal

Agencia em Guimarães
 Encontra-se em pagamento o dividendo do 2.º semestre de 1924, na razão de Esc. 28300 por acção, que, sujeito ás deducções legais, será pago pelas seguintes importancias liquidadas:
 Acções nominativas:
 Esc. 23383 por acção.
 Acções ao portador:
 Esc. 22386 por acção.
 Guimarães, 2 de Março de 1925.
 Pela Agencia do Banco de Portugal em Guimarães,
 OS AGENTES:
 Heitor S. Campos,
 Antão de Lencastre.

V. Ex.ª precisa comprar um serviço para jantar, chá ou lavalório?...

RECOMENDA-SE A
 Antiga Louçaria Rezende
 DE
 Manuel R. Ferreira da Costa
 Rua da Assunção, 38 — PORTO.

«A Razão»,
 Semanário Republicano
 Ex.º Sr.

EULALIA COUTO
 PARTEIRA MUNICIPAL
 Rua 31 de Janeiro, 111
 Guimarães
 Prevenção
 Declaro que, desta data em diante, não me responsabilizo por dividas que sejam contraídas por quem quer que seja sem que eu ás mesmas assista.
 Guimarães, 7 de Fevereiro de 1925.
 José Luciano Guimarães.

VENDEM-SE

Duas motocicletas com side-cars, uma «Indian»—1919 e outra «Excelsior» — 1924. Estado novo.
 Ver na Rua 5 de Outubro, 8—Guimarães.

Éditos de 30 dias

(1.ª Publicação)
 No Juizo de Direito da comarca de Evora e pelo cartório do escrivão do 2.º officio, correm éditos de trinta dias, a contar da publicação do segundo e último anúncio, citando os herdeiros incertos que se julgarem com direito aos bens da falecida Maria Engrácia Fernandes, natural da freguesia de Nossa Senhora da Oliveira, desta cidade e residente que foi na rua da Mostardeira, da cidade de Evora, para deduzirem a sua habilitação na segunda audiência depois de findar o prazo dos éditos, e bem assim os credores incertos.
 As audiências do referido Juizo tem lugar nas segundas e quintas-feiras, por onze horas, ou nos dias immediatos se aquêles forem feriados ou comprehendidos em férias, no Tribunal Judicial á Praça de Sertório, da cidade de Evora.
 Guimarães, 19 de Fevereiro de 1925.

Verifiquei a exactidão.
 O Juiz de Direito,
 Amadeu G. Guimarães.
 O escrivão do 2.º officio,
 Serafim José Pereira Rodrigues.